

'Fazersentirpensar' com sons

Elisangela Bernardes do Nascimento

*"Não vou sair do campo para poder ir para escola,
Educação no campo é direito e não esmola!"*
(Gilvan Santos)

Viver o novo dia com mais humanização

Em visita o assentamento Zumbi dos Palmares, Campos dos Goytacazes, estado do Rio de Janeiro, em 15 de outubro de 2019, em atividade de campo da pesquisa "Constelações analíticas do direito à educação em novos contextos históricos: que sentidos para a diversidade e para a dignidade humana?", tive o prazer de realizar entrevistas compreensivas (KAUFMANN, 2013), com sujeitos que vivem no estado do Rio de Janeiro e tiveram o direito à educação interditado na infância ou em outras etapas da vida. Dentre eles destaco o trabalho realizado com Alcimaro, um homem de 40 anos de idade, que parou de estudar quando ainda era criança para trabalhar em canaviais com os seus pais e ajudar no sustento da família.

Ele estudou até a antiga quarta série. Na região, quem cursava até essa etapa de escolarização comemorava muito por ter conseguido "concluir" os estudos. Quando foi em busca de um trabalho que exigisse menos sacrifício físico, se deparou com a falta de certificação e se deu conta que ter apenas a 4ª série não era suficiente para conseguir um trabalho melhor e ter uma vida mais digna. Ao invés de padecer e lamentar sobre a

vida, Alcimaro reagiu demonstrando potência de ação (SAWAIA, 2009) para transformar a realidade. Teve acesso aos estudos através do seminário religioso e concluiu o ensino fundamental na modalidade EJA, à distância, e o ensino médio regular, com dignidade, se comparado com estudantes que trabalham o dia inteiro, enfrentam transporte público em péssimas condições e chegam cansados na escola para estudar e ter sucesso nas aprendizagens. Em seguida, cursou teologia e filosofia e depois de dez anos se afastou do seminário para se dedicar aos movimentos sociais.



Fonte: Acervo do GP Aprendizados ao Longo da Vida

Marcando a sua posição política, recebeu o grupo de pesquisa vestindo uma camisa com os dizeres “De olho bem aberto, para não virar escravo”. Em todos os momentos que estivemos juntos e nos nossos contatos posteriores, foi nos dando indícios que faz a leitura de mundo, antes de fazer a leitura da palavra (FREIRE, 1989) e luta pelo direito à educação de crianças, jovens e adultos. Sempre usa o seu exemplo para motivar as pessoas a retornar aos estudos ou a continuar estudando. Em suas andanças, na luta por direitos sociais, entre eles o direito à terra, elemento da natureza que considera sagrado, o nosso entrevistado faz uso das “canções que lutam” do Movimento Sem Terra (MST), o qual é integrante.



Fonte: Acervo do GP Aprendizados ao Longo da Vida

Para edição do vídeo da entrevista que realizamos, Alcimaro nos presenteou com a gravação de cantiga “Não vou sair do campo”, de Gilvan Santos. Nos versos da música percebemos a luta coletiva que valoriza a cultura e os sujeitos que a produzem em busca de viver o novo dia com mais humanização. É nesse espírito que o nosso entrevistado planejou a ambientação do local para a gravação da música, ao ar livre, embaixo de uma árvore, bem cedo com um galo cantando no fundo.



Fonte: Disponível em <https://www.calameo.com/books/005970346819aca339a3b>

Consideramos a partir das emoções de nossos entrevistados que Alcimaro foi um dos poucos sujeitos que não se culpabiliza pelos processos de exclusão que vivenciou ao longo da vida. Pelo contrário, ele compreende o vivido e denuncia que se tivesse tido o direito à educação garantido, conforme previsto na Constituição Federal de 1988, sua trajetória de vida, assim como de todas e todos que ali viviam, teria sido bem diferente, com menos desigualdades e mais justiça social.



Fonte: Acervo do GP Aprendizados ao Longo da Vida

Essa pesquisa tocou profundamente a mim e as companheiras e os companheiros do Grupo de Pesquisa Aprendizados ao Longo da Vida e nos possibilitou ter contato com diferentes realidades, refletir sobre a dignidade humana diante de tantas desigualdades sociais e estar sensíveis a elas a ponto de pensarmos coletivamente sobre o retorno desse trabalho nos *'espaçostempos'* onde estivemos.

Referências:

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo. Cortez, 1989.

KAUFMANN, Jean-Claude. **A entrevista compreensiva**: um guia para pesquisa de campo. Petrópolis: Vozes; Maceió: Edufal, 2013.

SAWAIA, Bader (org.). **O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão**.p.97-118. As artimanhas da exclusão. Análise psicossocial e ética da desigualdade social. 9.ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

Sobre a autora:

Mestra e doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro / ProPEd-UERJ. Professora do Colégio de Aplicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro /CAp-UFRJ. Integrante do Grupo de Pesquisa Aprendizados ao longo da vida: sujeitos, políticas e processos educativos.